



AFEGANISTÃO / Anúncio de retirada das forças dos Estados Unidos, entre 1º de maio e 11 de setembro, lança dúvidas sobre o futuro do país. Talibã adverte que instalará um "governo central forte". Joe Biden recebe apoio da Otan sobre o cronograma do fim da ocupação

Fantasma do passado

» RODRIGO CRAVEIRO

Uso obrigatório de burca, execuções em praça pública, um rígido código de moral e de costumes, o fundamentalismo religioso no controle da sociedade. Entre 1996 e 2001, o Afeganistão viveu sob o domínio de um regime islâmico draconiano imposto pela milícia Talibã, interrompido pela ocupação militar liderada pelos Estados Unidos em retaliação aos atentados de 11 de setembro. A decisão do presidente norte-americano, Joe Biden, de retirar todas as tropas do Afeganistão até a data do 20º aniversário dos ataques terroristas acendeu o alerta sobre um futuro sombrio para o país. Em entrevista ao *Correio*, o Talibã afirmou que pretende instalar um "governo central forte" no Afeganistão e expulsar as tropas estrangeiras, caso não abandonem a nação antes de 1º de maio.

Por meio do WhatsApp, Zabihullah Mujahid, porta-voz do Talibã (leia **Três perguntas para**), classificou como "ilegal" e "invasiva" a presença de tropas norte-americanas no Afeganistão e ameaçou intensificar a "luta pela libertação". "Nossa história provou que sempre expulsamos as forças ocupantes de nosso país. Com a cooperação de nosso povo, podemos libertar a nação da ocupação estrangeira. Com a vontade de Deus", afirmou ao *Correio*. Fontes consultadas pela reportagem alertaram sobre o despreparo das forças afegãs e sobre o risco de o Afeganistão reviver um califado islâmico.

Na Sala Roosevelt da Casa Branca — local em que o ex-presidente George W. Bush anunciou os bombardeios aos campos de treinamento da rede Al-Qaeda, em 7 de outubro 2001 —, Biden afirmou que os EUA cumpriram com o seu objetivo. "Apenas os afegãos têm o direito e a responsabilidade de comandarem o seu país", disse. "Eu acreditava que nossa presença no Afeganistão deveria focar-se em garantir que o país não fosse usado como base para atacar novamente a nossa pátria. Nós o fizemos. Cumprimos com aquele objetivo. (...) Sou o quarto presidente dos EUA a governar sobre a presença de tropas americanas no Afeganistão. (...) Não passarei esta responsabilidade a um quinto (presidente)."

De acordo com Biden, os EUA começarão a retirada final do Afeganistão em 1º de maio. "Não precipitaremos a saída. Faremos isso de forma responsável, deliberada e segura. E o faremos em plena coordenação com nossos aliados e parceiros".

Brendan Smialowski/AFP



» **Eu acho...**

Fotos: Arquivo pessoal



"As tropas norte-americanas precisam abandonar o Afeganistão mais cedo ou mais tarde. Duas décadas são mais do que suficientes. Elas não podem permanecer para sempre. Ainda estou cético em relação à retirada. Claro que existe o risco de outra 'guerra civil'. Tomara que haja tempo o bastante para que os líderes afegãos aprendam com o passado e cheguem a algum tipo de entendimento para evitar isso."

Najibullah Lafraie, ministro das Relações Exteriores do Afeganistão entre 1992 e 1996



"O Talibã tem sido bastante aberto em relação ao fato de que instalarão um novo Emirado Islâmico do Afeganistão e que destruirão a atual República Islâmica do Afeganistão e sua Constituição. Eles estão bem posicionados para atacar as principais cidades e começarão a fazê-lo em breve, logo depois da retirada dos soldados dos EUA e da Otan."

Thomas Johnson, professor e diretor do Programa para Estudos de Cultura e Conflito da Escola Naval de Pós-Graduação, em Monterey (Califórnia)

2.400

Total de soldados norte-americanos mortos no Afeganistão em duas décadas de combates.

mocrata. "É hora de pôr fim à mais longa guerra da América. É hora de as tropas americanas retornarem para casa."

O presidente enviou um recado à milícia fundamentalista. "O Talibã deve saber que, se nos atacarem quando nos afastarmos, defenderemos a nós mesmos e a nossos parceiros com todas as ferramentas à nossa disposição", advertiu. "Nosso plano há muito tempo tem sido o de 'entramos juntos, sairemos juntos'. As tro-

pas dos EUA, bem como as forças deslocadas por nossos aliados da Otan (Organização do Tratado do Atlântico Norte) e por parceiros operacionais, estarão fora do Afeganistão antes de marcarmos o 20º aniversário daquele ataque hediondo em 11 de setembro." Os países da Otan acordaram a iniciar a remoção de suas forças em 1º de maio. À tarde, Biden visitou o Cemitério Nacional de Arlington e caminhou por entre os túmulos de soldados mortos em combate no Afeganistão.

Pouco antes do pronunciamento, Biden conversou por telefone com o presidente afegão, Ashraf Ghani. Em nota à imprensa, a Casa Branca informou que ambos debateram o "compromisso contínuo com uma forte parceria bilateral após a partida das tropas". Biden prometeu manter o apoio ao povo do Afeganistão, por meio de assistência à segurança, humanitária e em desenvolvimento.

Para Najibullah Lafraie, minis-

tro das Relações Exteriores do Afeganistão entre 1992 e 1996, as tropas afegãs não estão prontas para fornecer proteção total ao governo de Cabul sem apoio estrangeiro. "Além disso, a recente retórica dura do Talibã pode indicar que a milícia não ficará feliz com nada que não seja o restabelecimento do califado islâmico. Não podemos descartar isso como um objetivo. Também existe a possibilidade de o Talibã ter adotado esse discurso devido à oposição estrita demonstrada por Ghani. Tenho esperança de que o grupo também tenha aprendido com o passado", disse ao *Correio*.

Thomas Johnson, diretor do Programa para Estudos de Cultura e Conflito da Escola Naval de Pós-Graduação, em Monterey (Califórnia), lembrou à reportagem que o objetivo principal do Talibã sempre foi a remoção de todas as forças estrangeiras. "Em parte, porque eles sabem, corretamente, que suas fanfarras militares são significati-

vamente maiores do que as das forças afegãs. Isso é basicamente uma reedição do Vietnã. O Talibã retornará a Cabul em 30 de setembro de setembro ou pouco depois. A única maneira de o governo Ghani perdurar envolve os EUA usarem o seu poder aéreo para deter o Talibã. No entanto, eventualmente, o Talibã controlará o país", advertiu.

Sob a condição de anonimato, um oficial aposentado do Exército dos Estados Unidos previu que o Talibã "tomará todo o país em poucos anos". "Seria um retorno ao status pré-2001, talvez com um pouco mais de liberdades do que antes, pois as populações das grandescidades foram expostas a valores ocidentais", comentou. Johnson teme uma "longa e prolongada guerra civil no Afeganistão". "Caso contrário, o Talibã formará um novo governo e praticamente não será desafiado. A única certeza é a de que o atual governo tem poucas chances de sobrevivência."



É hora de pôr fim à mais longa guerra da América. É hora de as tropas americanas retornarem para casa"

Joe Biden, presidente dos Estados Unidos, antes de visitar túmulos de soldados dos EUA no Cemitério Nacional de Arlington

» **Três perguntas para**

ZABIHULLAH MUJAHID, porta-voz do Talibã

Como o Talibã recebeu o anúncio de que os Estados Unidos e a Otan vão retirar todas as tropas do Afeganistão até 11 de setembro?

Para nós, é importante que o Acordo de Doha preveja a retirada de todas as tropas estrangeiras do Afeganistão até 1º de maio. Caso contrário, teremos que usar meios militares para libertar o nosso país.

Quais garantias vocês dão de que respeitarão plenamente a paz e a estabilidade no Afeganistão?

O Afeganistão é o nosso país. Assim como qualquer outro cidadão do mundo, nós desejamos a paz e a segurança em nosso país. Também almejamos a paz e a estabilidade total. Para isso, lutamos por duas décadas. O próprio Afeganistão deve garantir a segurança. Mas esta é a nossa esperança básica.

Qual papel o Talibã espera desempenhar antes da saída das tropas estrangeiras?

Nós temos um papel central na política e na segurança do Afeganistão. Há 20 anos lutamos pela independência de nossa nação. Vamos intensificar a nossa luta para libertar o nosso país da ocupação estrangeira. Também construiremos um governo central forte no Afeganistão e fortaleceremos o nosso sistema de segurança. Se Deus quiser. (RC)

TENSÃO NOS EUA

Policial que matou homem negro é indiciada

A policial branca que atirou e matou um jovem negro perto de Minneapolis foi presa, ontem, sob a acusação de homicídio culposo, em um contexto de protestos nesta cidade do meio-oeste dos Estados Unidos e do julgamento do ex-agente que matou o cidadão negro George Floyd no ano passado. "Os policiais prenderam Kim Potter aproximadamente às 11h30 (13h30 em Brasília)", informou o Departamento de Apreensão Criminal de Minnesota em um comunicado. Segundo o jornal *The New York Times*, Kim foi indiciada formalmente. Se for considerada

culpada, ela pode ser condenada a até 10 anos de prisão.

Potter, 48 anos, se demitiu após o incidente sobre o qual ela alega ter confundido sua Taser (pistola de choque) com a arma de serviço quando atirou em Daunte Wright, 20, em uma blitz de trânsito, na tarde de domingo. Depois de ser detida, foi transferida para a cidade vizinha de Saint Paul.

"Embora apreciemos o fato de o promotor estar buscando justiça para Daunte, nenhuma condenação pode devolver à família Wright seu ente querido", disse o advogado da família, Ben Crump, após a prisão.

AFP



"Não foi um acidente. Foi uso intencional, deliberado e ilegal da força", acrescentou. "Continuaremos a lutar para



que Daunte, sua família e todas as pessoas não-brancas marginalizadas obtenham justiça. E não vamos parar até

A agente Kim Potter, ao ser fichada na delegacia do condado de Hennepin, em Minnesota: pena de até dez anos de prisão

que haja uma reforma policial e judicial significativa", declarou o advogado.

Protestos

A morte de Wright provocou novos protestos em Minneapolis (Minnesota), onde a tensão racial aumenta em meio ao julgamento do ex-policial Derek Chauvin pela morte de George Floyd. Os ma-

nifestantes entraram em confronto com as forças policiais pela terceira noite, na terça-feira, e mais de 60 pessoas foram presas, disseram autoridades policiais. A polícia de choque se mobilizou para dispersar os quase mil manifestantes reunidos no Brooklyn Center, o subúrbio onde ocorreu o incidente que matou Wright.

Os policiais utilizaram armas paralisantes enquanto os manifestantes atiravam objetos como garrafas de água e tijolos. Na terça-feira, as famílias Wright e Floyd se reuniram para exigir o fim da brutalidade policial e do assassinato de afro-americanos desarmados por policiais brancos.